

O BRINCAR COMO FATOR IMPORTANTE DURANTE INTERNAÇÃO HOSPITALAR DE CRIANÇAS¹

Caroline Schwerz De Oliveira Hochmüller², Noeli Valentina Weschenfelder³.

¹ Projeto de Pesquisa realizado no Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí

² Aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI, bolsista Unijuí

³ Professora Doutora do Programa de Mestrado de Educação nas Ciências

Introdução

Este trabalho buscou através de pesquisa bibliográfica a visibilidade da criança no ambiente hospitalar, porém para isso buscamos trabalhos que demonstrassem a importância do brincar especialmente nesse ambiente. Escutar o que ela diz sobre esse local, o que entende por estar ali, se gosta ou não da maneira que a tratam também constituem de grande valor para todos os profissionais que atuam no hospital.

O ambiente hospitalar é um ambiente que procura fazer com que seja recuperada a saúde da criança, no entanto, também possui características hostis para ela. Pois negligenciando o brincar acaba por não permitir maior assimilação da criança frente a esse problema. Brincar é natural das crianças, independente da situação da mesma, seja referente à saúde, ou a qualquer outro fator, social, cultural ou econômico. E muitas vezes a partir do mesmo a criança mostra o seu olhar perante as dificuldades.

Invariavelmente durante a nossa vida nos deparamos com problemas, claro que para crianças a vida oferece menos ou em menores proporções/significados do que para os adultos, pois em regra há alguém para pensar por elas e, talvez negar-lhes a obrigação de resolver tais problemas sozinhas. No entanto quando as crianças brincam, vemos constantemente que elas começam a pensar sobre problemas e suas possíveis soluções (MOYLES, 2002).

Portanto, pedagogos, fisioterapeutas, enfermeiros, médicos, enfim, todos os profissionais que direta ou indiretamente possuam algum contato com crianças, não importando a formação, deverão dar lugar à criança, a conversa, ao brincar, e a devida atenção e tratamento dado a elas, como seres dignos e “personalíssimos”, termo do Direito que se refere à Personalidade.

Metodologia

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

O estudo estabelece um trajeto de pesquisa bibliográfica que investiga o brincar estabelecendo relação de importância no ambiente hospitalar. A hospitalização para a criança pode desencadear anulação da individualidade, cumprimento de normas indesejadas, além de regras e horários diferentes dos quais ela está acostumada, sintomas como ansiedade, receio e estresse também podem ser encontrados. O simples Brincar pode trazer a essa criança internada um prazer, satisfação e fazer com que a vida saudável deixada para trás fique mais próxima.

Resultados e Discussões

Há uma crescente preocupação sobre a influência do meio acerca do desenvolvimento da criança. O ambiente hospitalar também tem sido objeto de apreensão, afinal neste ambiente a criança está afastada de seus familiares, amigos, colegas e também de seus pertences e objetos, ou seja, afastada do seu ambiente “natural”, desta forma perdendo sua referência. Além disso, o ambiente hospitalar pode gerar marcas na criança, pois é um local no qual ela irá passar por processos dolorosos e desagradáveis (CARVALHO e BEGNIS, 2006).

Além das faltas supracitadas, ainda há a necessidade de adaptar-se aos novos horários, confiar em pessoas até então desconhecidas, e receber destas pessoas injeções ou medicamentos, que muitas vezes geram desconforto, também permanece num quarto fechado, impossibilitada de sair daquele ambiente hostil, coisas que antes a criança não fazia, e que fazem parte da hospitalização (MOTTA & ENUMO, 2004).

A permanência no hospital para a criança é uma condição, geralmente decidida pelo médico e, algumas vezes, familiares, mas normalmente não é explicada à criança. Dessa maneira parece que a criança é um ser que deverá ser protegido e cuidado, porém um ser que não necessita de explicações e não precisa ser escutada. Claro, que adoecer faz parte da vida, e que muitas vezes não há outra saída senão a hospitalização, porém, o comportamento da criança poderá ser outro se ela souber o que irá acontecer, o porquê que esse ambiente é dessa maneira, entre outras características do hospital.

Algumas vezes as sociedades se esquecem de que precisam de suas crianças e que para tê-las há de se respeitar o direito de viver a infância. Atualmente as crianças estão em contato – de forma direta ou não – com várias realidades e delas apreendem valores e estratégias de compreensão de mundo e de formação de suas próprias identidades pessoal e social (VASCONCELLOS, 2007).

Logo, as crianças interagem, partilham experiências, porém quase sempre em situações mediadas por adultos, mesmo assim o fazem de maneira singular, ressignificando a cultura que lhes é apresentada, apropriando-se, reproduzindo e reinventando o mundo (VASCONCELLOS, 2007).

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

O brincar é uma possibilidade de alterar o cotidiano da internação pela qual a criança está passando, afinal, pela ludicidade a criança cria outra realidade, própria e singular. Utilizando do imaginário, a criança transpõe as barreiras da doença, do tempo e espaço (MITRE & GOMES, 2004). Pode ser um recurso utilizado tanto pela criança quanto pelos profissionais do hospital, assim como outras possíveis estratégias, para otimizar o período de internação, e desta forma, fazer com que o brincar auxilie com as complexas adversidades inerentes da hospitalização (MOTTA & ENUMO, 2004).

O brinquedo pode cumprir duas importantes funções: através dele podem-se detectar as dificuldades da criança (medos, problemas de comunicação, adaptação, etc.) e também poderá ser utilizado como meio de preparação da criança para procedimentos e intervenções hospitalares (BATISTA, 2007).

Reforçando a importância do brincar, a literatura têm trazido trabalhos que discutem a importância para o desenvolvimento sensorio-motor e intelectual das crianças, sua importância na socialização, desenvolvimento e aperfeiçoamento da criatividade e autoconsciência, tendo ainda papel importante na formulação de valores morais. Tanto o brincar quanto o brinquedo são objeto de estudo e instrumento de diferentes áreas como: Psicologia, Fisioterapia, Pedagogia, Enfermagem, entre outros (FURTADO & LIMA, 1999).

O Brincar também foi tema de vários textos de Walter Benjamin, este filósofo analisa a memória dos brinquedos e o brincar em seus ensinamentos. Ele apresenta e reforça a criança como sujeito da história, trazendo-a como o resultado da tradição cultural, fazendo parte da sociedade e podendo ser recriada, ou melhor dizendo, remodelada.

Em seu livro Reflexões: A criança, O brinquedo, a Educação, Walter Benjamin fala sobre brincadeiras e jogos, e afirma, que: “todo jogo e nada mais, que dá a luz a todo hábito. Comer, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras, que são acompanhadas pelo ritmo de versinhos.” E ainda: “Todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final.” (BENJAMIN, pg. 75, 1984).

No hospital, o brinquedo faz com que a criança relembre ou busque o mundo de uma vida saudável que ficou do lado de fora de suas paredes e permite à criança hospitalizada a representação e ressignificação individual de suas vivências. O jogo também desempenha esse papel, como forma de interação, com regras e imaginação oculta, função na constituição da subjetividade, principalmente em adolescentes que utilizam o jogo como meio de “passar o tempo ocioso do hospital” (FONTES, 2007).

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

O tempo que a criança permanece hospitalizada pode ser visto e entendido de várias maneiras, pela própria criança, de uma criança para outra, entre os cuidadores e pelos profissionais da saúde que a atendem.

A concepção de Vygotsky enfatiza não apenas o tempo quantificável, mas a qualidade do tempo, que podem gerar descontinuidades, saltos e rupturas, de modo que a singularidade de cada momento da trajetória de vida possa ser compreendida e, portanto, preservada (SOUZA & FREITAS, 2009). Para a criança esse tempo de hospitalização pode se entender como tempo perdido, tempo sem brincar, tempo de intervenções dolorosas, longo tempo ou curto tempo, tempo que permaneceu sendo cuidado pelos pais, tempo que teve maior ou menor atenção. O tempo de um não é o mesmo tempo de outro. O tempo para a criança não é o mesmo tempo para o adulto.

Além disso, a criança pode interferir nesse período de tempo. Vygotsky procurou mostrar as implicações psicológicas do fato de os homens serem participantes ativos e vigorosos de sua própria existência e de mostrar que a cada momento do seu desenvolvimento, a criança adquire os meios para intervir de forma competente no seu mundo e em si mesma. A importância do organismo ativo sublinha uma visão de meio ambiente como contextos culturais e históricos em permanente transformação, dentro do qual as crianças têm um papel de destaque, participando na sua transformação, além de serem também transformadas por ele (SOUZA & FREITAS, 2009).

Assim, fica elucidado, que no contexto hospitalar, a interpenetração dos conceitos de educação e saúde fertilizam a vida, redimensiona o aprendizado com o viver, afinal o desejo de aprender/conhecer produz o desejo de viver no outro (FONTES, 2007).

Deve-se perceber a criança e seus familiares como seres pensantes que ao chegar no hospital, já trazem consigo histórias de vida, conhecimentos prévios sobre saúde, doença e sobre sua ação na dinâmica saúde/doença (FONTES, 2007).

Não há a necessidade de deixar que a criança recrie uma história a partir de medos, anseios e falta de esperança, podemos fazer com que o Hospital não seja mais visto pela criança, como local ruim, pois ele existe para tratar de doenças e buscar a melhora.

Considerações Finais

Após essa pesquisa ilustrasse que o período de internação para a criança não deveria trazer medos, afinal todo o ser humano poderá um dia ficar doente, e isso poderá contribuir maleficamente para a progressão da doença e consequente aumento do tempo de internação.

Por acreditar na capacidade que a criança tem de recriar seu mundo, seu dia-a-dia, a mudança no cotidiano hospitalar visando espaços físicos ou temporais para o brincar, o faz-de-conta, o jogo, não

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

deve ser somente idealizado pelo adulto, como geralmente é feito, que o fará à sua maneira, ou seja, estabelecendo as maneiras de como brincar, o que pode fazer, etc. As crianças deverão ser escutadas e levadas em consideração, pois quem irá brincar e aproveitar o espaço se não elas, desta forma, esse período de hospitalização poderá gerar o mínimo de marcas para as crianças, e que essa fase, transitória ou não, seja o menos sofrível, e sua realidade não seja tão difícil de reinventar.

Portanto, o período que a criança precisa ficar hospitalizada não necessita necessariamente ser traumático, se os profissionais da saúde e o próprio hospital fornecerem subsídios para esse tempo passar de maneira mais agradável e melhor aproveitado, essa será uma etapa sem traumas, que a crianças aprenderá a superar sem perder o seu hábito mais importante o Brincar.

Referências

BATISTA, Cleide Vitor Massuni. O Lugar do Brincar no Hospital: o faz-de-conta. Curitiba: Anais Evento Educere; 2007.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: A criança, o Brinquedo, a Educação. São Paulo: Summus Editora, 3ª ed., 1984.

CARVALHO, Alysson Massote Carvalho; BEGNIS, Juliana Giosa. Brincar em Unidades de Atendimento Pediátrico: Aplicações e Perspectivas. Maringá: Revista Psicologia em Estudo; V. 11, N. 1; 2006.

FONTES, Rejane de Souza. Narrativas da Infância Hospitalizada in VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs.). Infância (In)Visível. Araraquara: J. M. Editora; 2007.

FURTADO, Maria Cândida de Carvalho & LIMA, Regina Aparecida Garcia. Brincar no Hospital: Subsídios para o Cuidado de Enfermagem. São Paulo: Ver. Esc. Enf. USP; V. 33; N. 4; 1999

MITRE, Rosa Maria de Araújo; GOMES, Romeu. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. Rio de Janeiro: Revista Ciência e Saúde Coletiva; V. 9; N. 1, 2004.

MOTTA, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Brincar no Hospital: Estratégia de Enfrentamento da Hospitalização Infantil. Maringá: Revista Psicologia em Estudo; V. 9; N. 1; 2004.

MOYLES, Janet R. Só Brincar? O Papel do Brincar na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

SOUZA, Solange Jobim e; FREITAS, Maria Teresa Assunção. Lev Vygotsky e a Perspectiva Histórico Cultural in TOURINHO, Carlos; SAMPAIO, Renato (orgs.). Estudos em Psicologia: uma introdução. Rio de Janeiro: Proclama Editora; 1^a ed; 2009.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. Apresentação: Infância e Crianças Visíveis in VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs.). Infância (In)Visível. Araraquara: J. M. Editora; 2007.